



Galato



Visado pela Censura do Porto OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES Ano V—N.º 125 Preço 1800

Redação, Administração e Proprietária — Casa do Galato | Director e Editor: — Padre Américo | Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto
PAÇO DE SOUSA | 11 de Dezembro de 1948 | Vales do Correio para CETE

AQUI LISBOA!

Panoramas sociais

SEMPRE que deparamos com quadros de lúgubre miséria nos antros onde moram os Pobres, tivemos ganas de gritar ao mundo que viesse ver como vivem seres humanos nossos irmãos.

Mas a nossa voz, por muito que se elevasse, jámais conseguiria abafar e suplantar os gemidos de quem lá vive.

Era preciso que aqueles quadros viessem até aos meios civilizados, já que a civilização não queria descer ao fundo do abismo.

Deve-se ao cinema francês a satisfação deste nosso ardente desejo.

S. Vicente de Paulo que anda por aí nos ecrans do país, é o grito de angústia que das latas, das águas furtadas e das furnas, sobe até nós; é a apologia da caridade cristã e do Padre que vive o Evangelho; é a condenação da vaidade do mundo, dos seus grandes e daquele «catolicismo rotineiro, burguezmente acomodado às injustiças sociais».

Pode calcular-se a nossa alegria quando vimos confirmada a actividade da Obra da Rua desde o seu humilde começo até ao dia de hoje. Não fazemos nada de novo. A trezentos anos de distância vamos encontrar os mesmos princípios que têm orientado a nossa actividade. E' que todos vamos beber à mesma fonte imutável e eternamente nova—o Evangelho.

Já nesse tempo Vicente de Paulo verificou que só do pobre há-de vir a salvação do pobre. Nem rainhas, nem ministros, nem nobres.

Estou a ver aquele «primeiro cristão» o perna de pau — que Mons. Vicente foi encontrar nas caves dum prédio em ruínas. Parece o mesmo que tantas vezes topamos no lojão da Estação Velha e Arco Pintado. Alguém o deparou a preparar com tábuas de caixotes de sabão o pequeno caixão duma criancinha que não tinha quem lhe fizesse o enterro.

Estou a ver gravada na fita, aquela tia Maria da T. S. F. que vai uma légua de distância buscar os cinco tinhositos acabados de cair em dupla orfandade, para os trazer para sua casa e repartir com eles o pão e o carinho dos seus numerosos filhos.

Estou a ver aquela cocheira do Terreiro da Erva e as águas furtadas do Rego d'Água, onde ia procurar abrigo, tossindo e cuspidando sangue, o pobre tuberculoso que só entre toleradas achou quem lhe desse uma enxerga e quem chamasse o padre para lhe assistir na agonia.

Não sei quem foi que disse que a Caridade fugiu, envergonhada, dos salões (e quem sabe se das igrejas) para ir refugiar-se nas trapeiras. Quanto de verdade há nisto! E tudo vem maravilhosamente documentado em Mons. Vicente.

Ali vem também que é no dar que está a medida do receber. Dar sem conta e sem contas que essas são as que a Providência faz. Não se acabou ainda e já vem de tão longe, a série dos administradores de cabeleira postíça, que lamentam o esgotamento da verba e dormem tranquilamente sobre a secretária a fazer a digestão, enquanto à porta passa a leva dos famintos, dos espoliados, empastados, e abandonados. Para estes o ministro da França só tinha cadeia, mas Vicente de Paulo, sem dinheiro, sem nome, sem poder, encontrava no Evangelho a chave do segredo, para todos os males: humildade profunda, confiança ilimitada, doação total de si mesmo, ainda que fosse preciso

substituir o condenado das galés, dormir no inferno dos prostíbulos, lavar as serapilheiras da cozinha onde preparava a sopa dos Pobres. Ele só via as almas. O resto vinha por acréscimo.

Sublime a ultima lição de Vicente de Paulo a mais nova das filhas de Caridade!

«A Caridade é um grande fardo. Não há honra maior que a de servir os Pobres—os nossos Senhores. Amá-los, amá-los sempre, e tanto mais quanto mais miseráveis. Sorrir-lhes e amá-los para que nos perdoem o bem que lhe fazemos...»

Compreende-se que as almas vazias não apreciem a fita, e que a sala estivesse vazia. Vazio anda o mundo, por nossa culpa... Queríamos que todos os que amam as alturas, apreciando Mons. Vicente, enchessem a sua alma do mesmo ardor de Caridade.

Gostariamos até que se abrissem as portas dos Carmelos para que as enclausuradas, pudessem fazer uma pálida ideia do que vai de trágica miséria nas trazeiras dos tantos prédios caiados de fresco, e assim rezassem com mais fervor pelos Pobres que lá vegetam. Isto não é reclamo encomendado; é a modesta aspiração de quem tem a imerecida honra de seguir as mesmas pegadas.

P.º ADRIANO

A NOSSA TIPOGRAFIA

No mês de Novembro, entreguei por conta vinte contos. Não se pode fazer por menos. A dívida de quinhentos exige aquele mínimo de prestações.

Este mês que corre, temos de dar outra soma igual e assim pelo tempo fóra, até chegarmos à saturação. Muito se fica a dever à Firma importadora, por ter facilitado o nosso pagamento!

Um senhor que me escreveu a dizer que a tipografia pertence ao coração de cinco mil assinantes, sugere que se abra no «famoso» uma coluna aonde apareçam os cem escudos de cada um. Ele disse e fez. E' o primeiro. Mandou cem escudos, como se publicou em o número derradeiro, "Do que nós necessitamos".

«Ao cabo de três números está paga a tipografia». Estas palavras são d'ele; do Senhor que me escreveu. Quizera eu que eles fossem igualmente de cinco mil assinantes. Não seria multidão. Eu não acredito nas multidões. Seria antes um grande número de pessoas isoladas, convencidas, silenciosas. Os Desconhecidos.

Temos um de Coimbra, um de Lisboa, um do Porto com 200\$, um que veio trazer 100\$, outro que também veio à aldeia com 100\$. Mais 100\$ de algures.

E aqui fica a chama. Fica nesta coluna. Muitos correm nos estádios, mas nem todos ganham o prémio. Aqui não!

Mais mil escudos de Lisboa. Mais uma carta de Famelicão a dizer «não se aflija que há-de aí cair o dinheirinho todo». E eu não me aflijo.

Mais 100\$ de Braga, dados a um dos nossos vendedores, — «por conta dos 5.000».

E' a coluna. A coluna dos cinco mil. A marcha dos cinco mil. A Labarêdal

Tenho aqui sobre a minha meza de trabalho a revista inglesa *Illustrated*, que tirei de um grande maço de livros que fazem as grandes encomendas postais dirigidas à nossa aldeia e que enchem a sala de leitura dos nossos rapazes. A revista é de Dezembro de 1946. Antiga, mas o que lá vi e vou aqui dizer, é actual. Um americano desembarca na estação de Roma. Entrega as suas bagagens a um número. Este é logo rodeado por uma multidão de garotos, que procuram tirá-las. O número, escorraça e ameaça. O viajante, cuidando que os garotos o faziam por bem, impede e manda entregar-lhes algumas das suas malas. Foi então que soube d'aquela e doutros números ali presentes, a seguinte notícia com a qual o estrangeiro não fazia conta: *S. V. deixa que eles levem d'aqui alguma coisa, nunca mais a vê. São gangsters.*

O viajante, ao que se depreende do seu interessante artigo, ficou algum tempo na Itália a estudar o panorama social e dá números verdadeiramente dramáticos quanto à sorte e posição das creanças abandonadas. O artigo é ilustrado. Encostado às ruínas do Coliseu, vê-se um grupo d'aquelles rapazes aninhados em círculo, fervorosamente ocupados no jogo de liras que roubam. Não levantam a cabeça. Não deram fé do fotógrafo. Estão todos a fisgar o dinheiro. *Não tem casa e gastam os dias a impear o povo nas ruas e a roubar a bagagem dos passageiros.* Eis a legenda da fotografia, se bem a traduzo. E continua a legenda: *Estes rapazes são um grave problema para o Governo.*

Ora vamos agora à outra face da medalha, porquanto o artigo a que me reporto, tem, na verdade, duas faces. *Os servos da Igreja estão fazendo tudo quanto podem a bem d'estas creanças. A obra mais típica, que não é de maneira nenhuma um caso isolado, foi creada por Dom Rivolto.* Este aparece em fotografias a conversar nas ruas com os garotos da rua e a convence-los. Ele tem uma aldeia (Boy's village) formada por uma grande comunidade d'estes rapazes que se governam por si mesmos, com tribunal, chefes eleitos, um jornal, trabalho pago: *modern democratic estate.*

As fotografias ilustram a obra. Veem-se inúmeros gangsters d'ontem ocupados hoje nos variados trabalhos da aldeia. Já não jogam nas ruínas do Coliseu as liras roubadas.

Self-governing, informa o viajante. Sim. Governo próprio. Próprio, isto é, pelos rapazes. Ele deve ter vivido algum tempo na aldeia, com os rapazes, pelo entusiasmo com que escreve e fotografias que produz. E a seguir, diz: *and soon self-supporting.* Quer dizer, Dom Rivolto, deve ter explicado ao viajante as suas vistas sobre o futuro da aldeia:—tendência para se bastar, pelo seu trabalho, quando os rapazes atingirem a idade conveniente: *self-supporting.*

Esta face da medalha, é a nossa face. O grande remédio para um grande mal. Remédio natural: A liberdade a curar o libertino! Já não batem liras criminosas nas lages do Coliseu.

Parece que estou escrevendo esta notícia para os nossos vinte mil leitores e não. Não estou. Escrevo para os meus imediatos colaboradores. Para os Padres da Rua; o P.º Adriano, o P.º Manuel, o P.º Maurício. Nunca me soube tão bem nem dei jamais tanto apreço ao conheci-

Continua na 3.ª página

NOTA DA QUINZENA

Toda a gente sabe que nós temos um campo de jogos em Paço de Sousa e que nas casas do Tojal e de Miranda, aonde já existem arremedos, também os há-de haver na marca.

Este jôgo foi uma importação da Inglaterra, que num instante se tornou universal. Ainda ele aqui não era ou era muito pouco, e já havia portugueses a chutar em colónias inglesas, com os ingleses. Este ou outros jogos, são necessários à educação total do homem. Um campo da bola, pode ser uma linda demonstração de aprumo e de maneiras. Por todos os títulos, pois, nós devemos possuir desportos nas nossas aldeias e ainda porque, sendo nós a porta aberta, a bola é maneira eficaz de a fechar. Temos campos de foot-ball, sim.

Surge-nos, porém, uma dificuldade com a qual já mais contamos e que nem sequer previamos. É a caça. A caça aos dos nossos que mostram qualidades. Não vamos por isso acabar com os jogos. Não nos viria daí nenhum bem e teríamos de arrostar com dificuldades de outro género, se tal fizéssemos. Então quê? Nada. Suportar. Mais uma experiência dolorosa de tantas e tantas que esta missão oferece a todos quantos se entregam a ela.

Pois é verdade. Caça. A caça. O primeiro caçado foi o Sérgio. Veio uma comissão. Veio outra comissão. Recados. Cartas. Telefonemas. Instâncias de toda a ordem. Eu respondia a tudo e a todos, que ia estudar o caso e ao depois daria uma resposta. Era uma desculpa de bom pagador. Eu queria e procurava dar aos senhores das comissões o meu propósito de fazer do Sérgio um homem antes de o deixar ir. E dar ao Sérgio boas oportunidades de o ser, antes que fôsse! Esta era a minha desculpa. Quanto a estudar o caso, ele estava sabido por natureza.

A minha atitude de um non rígido, ia protelando as coisas e eu muito contente, até que em um certo dia, uma das comissões volta à carga e um dos seus membros corta a direito: Se você não nos der o rapaz, vem outro club e leva-lho. E o Sérgio foi! Eu podia aqui dizer que ele está actualmente dando o seu tempo num quartel do Porto e que o desarranchei e ele vive no nosso Lar e vem aos sábados a Paço de Sousa. Sim. Tudo isto é verdade. Mas a outra verdade é maior: o Sérgio foi! Perdi o controle dele. Não lhe governo o dinheiro; aquele pequenino dinheiro inofensivo e pobre, dado com uma palavra amiga para ser riqueza verdadeira da alma do rapaz. Isso era meu. O club levou-me tudo e se não fôsse aquele seria outro! Esta parte importante e integrante, não sendo minha, também não é do clube que o levou. Não é, porque os clubes não a querem para si. O interesse deles, é visivelmente outro. E' naturalmente outro. Querem um Nome. Não querem o rapaz.

De sorte que não sendo minha nem dos outros, de quem é? A não ser que o rapaz se segure, temos um valor perdido! O Sérgio, tem hoje quanto dinheiro quer. Não lhe poderiam meter nas mãos arma mais perigosa!

O rapaz, que era nosso, do nosso grupo, nunca mais jogou aqui em casa!

Eis a Bola negócio. A Bola—mercadoria. Não estava preparado nem contava com mais estas dolorosas experiências. Não contava.

Mas há mais. Agora é um outro dos nossos que está em disputa. Digo disputa, porque são vários clubes a reclamar o seu nome. Querem-no em todo o modo. E' tudo por bem, sabe-se, mas tudo redundando num mal para o rapaz. Ele é orfão de tuberculosos. Tem cavernas cicatrizadas. Foi mandado retirar do trabalho por uns tempos, o ano passado... Está actualmente em regime de super alimentação na nossa casa do Porto. Apesar disto, diz um dos grupos que o deseja: A nossa missão é dar filhos sãos à Pátria! E insistem. E escrevem. E procuram.

O rapaz em questão, era do Sporting. Trazia o distintivo do Sporting e tinha naquele grupo os seus apaixonados. Pois já não é. Traz agora um outro distintivo. Um dos disputantes disse-lhe toma êste e tira êsse; e o rapaz tirou o que trazia e tomou o que lhe deram! Tudo isto me faz pena. Eu queria que estes rapazes fôsem desde já homens de palavra. Que o jôgo fôsse uma escola moral e também física. Que os rapazes doentes fôsem poupados por força e em atenção ao quinto mandamento do Decálogo, o qual trata expressamente da conservação da vida e da saúde dos homens. Mas não. Não vejo isso.

Já dantes, quando andava pelos hospitais, topava moços no leito. Perguntava. Eram jogadores. Nomes de glória, o caminho da vala comum! E os clubes? Os tais clubes: Se v. não

nos dá o rapaz, vem outro e leva-lho. Hoje não sei como as coisas são. E' possível que não deixem morrer à míngua os seus fillados. Mas a verdade é que naquele tempo, e isto foi ontem, por assim dizer; naquele tempo, digo, ajudei e assisti no Hospital dos Lázarus, em Coimbra, a um sem número de condenados à morte, por quem na mais simpática e louvável das intenções, se propõe dar filhos sãos à Pátria.

Ora vamos, meus amigos. Meus bons amigos. Se verdadeiramente me querem ajudar, não ateiem. Recitem noutro sítio. E também o podem aqui fazer, sim, mas somente quando e se convier. Valeu?



Notícias da Casa do Gaiato —de Miranda do Corvo—

por CARLOS FERREIRA

1 Temos cá um enfermeiro diplomado, que veio do Lar do Ex-pupilo. Também temos uma linda sala destinada à enfermaria, só nos falta agora material e medicamentos. O nosso enfermeiro anda sempre a dizer ao Sr. P.º Manuel que precisa de ataduras e que também não tem seringas para dar injeções. Pedimos aos nossos muito estimados leitores, se nos podem mandar o que acima pedimos, pois que nos está fazendo muita falta.

2 Vieram visitar-nos uns senhores da Penela, que disseram que nos mandavam selos, e também deixaram qualquer coisa para ajuda da nossa equipe de futebol. Também cá veio um senhor do Porto, que era padrinho do Sérgio e deixou 50\$00 e um abraço para o Pai Américo. Os 50\$00 foram para nós e o abraço, esse demos ao Pai Américo quando ele cá veio.

3 O Peugeot do Sr. P.º Manuel, baptisado com o nome de: — O charanga velho, está a ser arranjado na Auto-reparadora da Louã. Este já está velho por isso pede a reforma, mas não temos outro para o substituir. Se os nossos leitores nos mandassem um espada, mesmo que fosse uma carroça velha, pois que o Sr. P.º Manuel desde que tem carta de condutor já não sabe como há-de tratar o nosso peugeot, só lhe falta dar-lhe galinha todos os dias.

4 O Pai Américo veio visitar-nos no «Morris». Já era de noite quando chegou. Jantou conosco, e depois foi «anar». No dia seguinte, sábado, levantou-se muito cedo e foi celebrar missa à nossa capela. Tomou o pequeno almoço conosco e pelas 10 horas partiu acompanhado do sempre jovem P. Manuel e mais dois dos nossos rapazes (o Ratinho e o Monarco) para Coimbra. Estes rapazes foram juntar-se em Coimbra com: o Lisboa e o Zé Sá, visto que todos haviam de ir a Aveiro à «Fábrica Aleluia». Pelas 19 horas saíram de Coimbra acompanhados do Sr. P.º Manuel e do Sr. Filipino, num carro de praça. A' volta das 21 horas chegaram a Aveiro. A sessão correu maravilhosamente e no domingo pelas 14 horas os nossos rapazes regressaram a casa muito contentes.

5 As nossas obras, já estão prontas, só falta agora reconstruir os currais e as casas que compramos. Também nos falta fazer uma foça.

6 Ainda cá não chegou nada do que pedi no número passado; como os nossos estimados leitores sabem está a chegar o natal e nós não temos roupa para vestir. Também nos falta roupa para as camas: cobertores, cobertas e lençóis.

7 Brevemente vamos começar a construir o nosso campo de futebol, pois que já temos as nossas equipas quase prontas. Falando do desporto, deixem-nos de coisas pois que o Sporting é o melhor do mundo, visto que tem vencido todas as jornadas. Cá na casa é quase tudo por o Sporting excepto dois ou três que se lembram de acudir pelo Benfica; mas afinal ele também joga bastante bem.

8 O meu alcunha é «chinez». Tenho dois companheiros para me ajudarem a fazer a minha obrigação cujas alcunhas são: — Lésma e Esquifana. A minha obrigação é uma camarata e os quartos dos senhores.



Visado pela Comissão de Censura

Do que nós necessitamos

Mais o peditório na igreja da Trindade, às missas das 10 horas e das 11 horas e das 12 horas e das 13 horas; o qual nas 4 missas deu oito contos redondos.

O Amadeu e o Fernando e o Telles, trez grandes do Lar do Porto, compareceram e andaram com as sacas pelo meio da assistência.

O Fernando, a uma das missas, safu fóra da porta principal do templo para entrar pela lateral e ouviu de um grupo que passava: Lá anda o aldrabão do P.º Americo.

O rapaz contou e disse-me que esteve para lhes arrumar.

—Quer que lhes arrume para outra vez?

—Não. Quero mas é que te arrumes.

E' o melhor. A gente tem de se arrumar dos que não sabem andar nas ruas.

Mais o peditório na igreja do Bomfim, às missas das 9 e das 11 e das 12 e meia, que andou por cinco contos. As sacas andaram nas mãos do Júlio e do Fernando e do Amadeu e do Júlio II. Peço ós senhores o favor de não deitarem placas de 10 escudos nas bandejas. Ou deitar em quantidade que chegue uma para cada rapaz.

Ninguém os atura. Todos querem a placa solitaria.

Mais um senhor que veio cá e tirou o relógio do seu pulso e entregou-mo. Ora como êste é infinitamente melhor do que aquêle que eu trazia, que fiz eu? O mesmo que tu farias! Cá anda. Regalo-me de vêr as horas. Os rapazes já deram fé do relógio novo e querem saber o que é feito do antigo...

Mais 500\$00 da Camara Municipal de Caminha. Mais 500\$00 de Braga para a tipografia. Mais 100\$00 idem. Mais de Lamego calçado. Mais do Porto uma tarifa de mercearia e um par de sapatos novos. Mais um leite.

Mais recado do *Deposito* a dizer que chegou lá uma remessa de flanela. Espero que dê para levar uma peça para Miranda. O Porto é que tem dado toda a flanela para a Casa de Miranda. Também espero poder levar da mesma remessa outra peça para o Lar do Gaiato em Coimbra.

Mais 52 deles no Tojal e 24 deles em Coimbra e 40 deles em Miranda e 160 deles em Paço de Sousa, todos a rilhar a horas e fora d'horas. E o *Overland* é o Peugeot e o Morris.

Sobretudo o Peugeot, que eu não estava nada disposto a entregar ao P.º Manuel,

—Olha que êle é doente e dá muitas vezes entrada no hospital.

—Deixe vir o doente; no hospital de Coimbra não paga.

Mas paga. Tem pago.

Mais as contas dos Mestres d'Obras. Mais os sustos. Mais os desanimos. Mais as aflições. Mais os desgostos:—Grandes tormentas de uma grande nau! Não é do mar. Não é das tempestades de fora. E' das tempestades que se formam dentro da nau... Oh tormentas!

Mais o peditório na igreja dos Congregados. Nove contos a passar.

Mais em Aveiro. Aveiro foi simplesmente grandioso! Em primeiro lugar a ideia. O Centro Cultural das fabricas Aleluia, quiz dar uma festa em benefício da Casa do Gaiato. Segundo, a execução: entre os numeros havia o orfeon. Eu estava. Era um grupo de operarios da fabrica dispostos no balco, em linha de cantar e eles todos, pessoalmente, muito bem dispostos. Escanhoados, bem vestidos, alguns com brilhantes na gravata, o que mostra um salario decente e amor à vida. Mas há mais. Eu vi muito mais. A regencia era feita pelo dono da fabrica. O dono da fabrica escolhe os trechos, ensala, rege, comunga com os seus operarios! Isto é soberbo!

Há-de necessariamente haver paz e compreensão entre empregados e patrões por amor desta amorosa e deliciosa aproximação. São irmãos. Cada um no seu posto, com suas responsabilidades, mas—Irmãos.

Gosto desta palavra, no sentido e com a força em que Jesus a empregou. E só a empregou depois de ressuscitado. *Vai dizer a Pedro e aos meus irmãos que eu ressuscitei.* Ora nós somos da Ressurreição.

De caminho para a festa em Aveiro, sai de Paço de Sousa com um dia de antecedencia para ir a Miranda, como fui. Cheguei á noitinha. Daí a nada, ceia na meza. Meza resplandecente. Ceia melhorada. Eu espantado. O servente, passa com a terrina e vai-me segredando *Graixa. E' tudo graixa.*

Não medi, na ocasião, o significado das palavras do rapaz. Levantamo-nos, demos graças e foi cada um para o seu quarto.

Dia seguinte, pequeno almoço na meza. A mesma profusão d'ontem. Maças também. Um

Continua na última página

De como os nossos assinantes se vão despachando

Vão sim senhor. Algumas cartas, são verdadeiros tratados do arrependimento. Arrependimento eficaz; contrição verdadeira, porquanto vem dentro o dinheirinho ou a notícia do vale.

O Avelino está sempre à minha beira, enquanto eu vou abrindo as ditas cartas. Ele relanceia; quer ser o primeiro a ver.

E' a coçadela! Foi a coçadela do Alfredo!

Estas palavras são soberbas! Nenhum jornal fala como o nosso. E' a chispa da Rua tirada do lixo e aproveitada. Bem dizia o outro, num letreiro da Abegoaria de certa Camara do País: O estérco é uma riqueza nacional; é preciso aproveitá-lo bem.

Coçadela. Coçadela do Alfredo.

Nós bem sabemos que não foi nada a coçadela. E' a simpatia. E' a devoção.

Ora queiram ler isto de alguém; um advogado: «Tanto o aprecio e saboreio, apesar de já uma vez ter sido por ele (O Gaiato) muito mal tratado, que não me limito a lê-lo e guardo-o religiosamente».

Este senhor pede alguns números que lhe faltam para a colecção. O pior é que nós também não temos todos os números pedidos. Se alguém tiver o 73, 85 e 86 e não faz colecção, muito e muito se agradece a remessa para aqui. Já que a gente tratou mal este Senhor, muito gostaria agora de o tratar bem. Vamos a ver.

O Cête, de todos o mais refilão e que ladra por tudo e por nada, entrou há dias com o correio e disse:

—Já leu o jornal?

—Eu não. Que é?

—São os selos. Os selos e os postais e telegramas e as encomendas e os vales e tudo. Tudo mais caro. Eles não estiveram com cerimónias. Foram às do cabo. Tudo a dobrar.

—Eles quem?

—Os correios.

Ora o rapaz queria que eu também subisse o preço do jornal. Peça mais. Não peço nada, já se vê. O Cête não sabe o que diz. Fizesse eu como o rapaz quer; subisse eu o preço que imediatamente descia a devoção dos seus leitores.

Mais. Temos aqui um postal datado de Lisboa aonde diz: há uns três anos pagamos o Gaiato julgo que com uma nota de cem escudos. Há pouco tempo fomos ao Tojal e lá deixamos dinheiro, —e mais e mais e mais.

O postal termina por pedir uma resposta, mas não põe direcção e, por nome, apenas duas iniciais. Pergunta-se, a quem e para onde pode a gente responder... O Avelino, diante da omissão, concluiu imediatamente: Isso foi senhora que escreveu. Não sei bem porquê, os rapazes da redacção teem fraca opinião das senhoras.

Mais uma outra carta. Como esta, —nunca. Tão oportuna. Tão própria deste lugar. Tão espumante. Ora queiram ler e tomar conta:

Amigos! Sou o n.º 4613, estou na lista dos caloteiros!

Motivos: Ter estado quãse um ano no estrangeiro em missão de estudo e depois disso deixar para o dia seguinte o que deve ser feito no próprio dia.

Creio que nesta falta incorrem muitos dos companheiros da «calotei-

rice» e para esses proponho dois remédios, que o Gaiato pode anunciar com a certeza de que não exerce medicina ilegalmente, pois a receita é passada por um médico diplomado pela Faculdade de Medicina de Coimbra. Ela si vai:

1.º — Logo que tenha conhecimento da receita pague, no próprio dia, generosamente os atrasados e se não scubar—como eu não sei—qual a totalidade da dívida, para não perder tempo a informar-se, pague 100\$00.

2.º — Envie, juntamente, 100\$00 para a tipografia do Gaiato, isto é, tenha o prazer de pertencer ao número dos 5.000 ofertantes. Assim em vez de ficar castigado é premiado com o «direito» de poder ter a satisfação de contribuir para uma aquisição que irá dar novas condições de vida ao Jornal com que tem estado em dívida e à própria Obra dos Rapazes em si mesma.

Bem entendido que os que já tiverem «melhorado» só com a primeira parte da receita estão muito a tempo de usar a segunda com a certeza de consolidarem as melhoras.

Podem garantir que pelos resultados se compromete o Dr. 4613.

A carta é assinada pelo senhor doutor quatro mil seiscentos e treze.

Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

Por PEDRO JOÃO

1 Durante uns poucos de meses estivemos a marcar passo na venda do famoso. Mas agora já não damos vencimento. Todas as quinzezas pedimos mais cem. Começamos com 300 e agora vamos nos 800. Primeiro tivemos que vencer os senhores priores. Depois conquistamos a policia, agora vamos dar o assalto aos cafés.

No sábado fui eu mais o Octávio e o Joaninha, e conquistamos alguns dos melhores!

O primeiro foi o Portugal e em seguida o Nicola, o Brasileira e o Martinho, também já vamos vender à Pastelaria Central e à Flórida. Agora o primeiro a ser conquistado há-de ser o Chave d'Ouro. Desta vez mandei lá ir o Octávio e quando este já estava com meia volta dada, o porteiro carregou no botão e a porta rotativa parou e o pobre Octávio ficou engaiolado. Depois voltou a fazer girar a porta e ele saiu pelo mesmo sitio. Mas nem tudo se perdeu; estava lá dentro um senhor do Porto que ficou pouco contente com o porteiro e não sei como aquilo ficou!

No domingo vendemos o resto, isto é os 800. Desta vez queremos mais 100 e temos esperança de chegarmos aos 1.000 antes do ano novo.

2 Continuamos a fazer a lavoura com toda a vontade. Os bois já andam na estica. Uma parte da quinta já está lavrada, agora falta o trigo para semear. O caseiro antigo desta quinta diz que são precisos 3.000 quilos dele. E' obra! Já nos ofereceram dois saquinhos dele mas isto não é nada. Vamos a ver se o Alentejo nos ouve, visto que é lá o celeiro do país. Os bois também precisam de favas porque o trabalho é muito. Também queremos a flanela porque cada vez está mais frio.

3 A gente de cá da região de vez em quando vai-nos dando algumas coisinhas. Aqui há dias o Manteigas pediu ao senhor P. Adriano para comprar uma borrega para mais tarde ganhar alguma coisa. O senhor P. Adriano disse que sim e ele foi para comprar e deram-lha. De Loures também nos deram um bácoro alentejano. Foi o senhor que nos deu a máquina de escrever. A Câmara de Loures deu-nos a bandeira Nacional que a estreamos na manhã do dia 1 de Dezembro.

Panoramas sociais

Continuação da primeira página

mento de línguas, como agora, ao ler em revistas estrangeiras e beber na própria fonte o conhecimento de obras paralelas. Nós não sabemos uns dos outros e actuamos da mesma sorte!

Pois que a notícia seja toda para eles. Para os Padres da Rua. Coragem. Certeza. Aumento de Fé. Fé divina. Que não trepidem! Outra revista francesa que tenho, dá notícias de obras assim na Polónia. Na Suíça também. Que não duvidem nem trepidem os Padres da Rua. Por sermos os Unicos nesta terra, não se segue que vamos errados ou estejamos sós. Nem tiremos disto glória, os Unicos, antes, confundidos e intimamente humilhados por causa das nossas faltas, negligências e pecados, demos testemunho aos homens da Riqueza do Evangelho.

Há-de haver mais obras semelhantes em Portugal e suas colónias. Que ninguém duvide. Não é já. Não é para já. Primeiramente temos as chamadas *situações creadas*. A força terrivelmente preguiçosa e teimosa das situações creadas, com a sua rotina secular. Mas ele há outra força maior: é a do grão de mostarda do Evangelho!... Basta um homem em cada século que tenha fé do tamanho de um grão de mostarda!...

Sim. O clássico asilo mal-los seus métodos, tende a acabar. Eles hão-de necessariamente fazer melhor, a seu tempo, o bem que hoje fazem.

Sujeitar a creança do asilo à formatura!

Há dias apareceu-nos aqui um rapaz. Veio a perguntas ao fim de uns tempos de casa. Da nossa casa. Soube que ele tinha estado num asilo, algures.

—Que fazias tu?

—A gente lá não fazia nada. Estavamos presos.

Nisto o rapaz abre as portas da sacada do meu escritório com as suas próprias mãos e sem me pedir licença, estende os olhos pela imensidade. Ouve a vozearia no campo de jogos e repete, indignado: *Estávamos presos!*

Ora ele não estava nada preso. Nem ele nem os outros. Sabemos que os asilos não são de maneira nenhuma prisões. Então quê? Foi a novidade. Foi o seu elemento natural que o levou àquela expansão.

A gente andava sempre debaixo de forma, continua ele. Queixa? Não senhor. O rapaz não se queixa de ninguém. Então quê? Exulta. E' uma natural exultação da alma. Encontrou a fôrma do seu pé! Já não vive apertado. Podia ter-se queixado d'um grande trambolhão que dera ontem pelas escadas abaixo, ao sair do refeitório, e das pisadelas de dois rapazes que o calcaram. Podia. Mas, coisa singular; cala e geme esta nova desordem e fala da antiga ordem: *Sempre debaixo de forma.*

Lição? Sim, deu-no-la êste rapaz! O que parece convir e agradar à Mesa e interesses do asilo, não agrada nem convém à formação integral do asilado. Ora estes estão por causa da Mesa, ou está Ela por causa d'estes?!

Esteve aqui há dias um Sacerdote, a quem o seu Bispo incumbiu de assistir um grande e importante asilo, algures. Assistente religioso. Observou. Compreendeu.

—Mas eu não posso fazer assim.

—Porquê?

—Por causa da Mesa

Dei-lhe um conselho: olhe, deixe a Mesa. Arrange uma tóca e meta-se nela. Chame rapazes da rua. Viva com eles e faça milagres. Pronto.

4 Quem trata dos coelhos é o *Tapadinho*. Chamam-lhe assim por ele ser duma barraca da Tapada da Ajuda. Aqui há dias andávamos a apanhar couves para a cozinha e um dos trabalhadores disse para ele. —Vai perguntar aos coelhos se querem couves. —O *Tapadinho* sorre direito à coelheira e pergunta: —O' meus coelhinhos, vocês querem couves? Olhem que elas estão frias, têm geada. Os coelhos vêm todos à porta a baterem com as patas no chão e ele veio a correr—elhe os coelhos dizem que querem bastantes.

5 Mandamos hoje para Miranda um caixote de laranjas e pneus. Como a casa é pobrezinha ela merece que a gente a ajude. Eramos também para mandar para Paço de Sousa, mas êles tiveram muitas *consoladelas* de uvas e nós apitamos de cá de longe. Só temos três parreiras, que deram três cachos, foi uma uva para cada um de nós. Se eles quiserem laranjas mandem-nos para cá uma pipa do vinho!

Isto é a Casa do Gaiato

O chefe levantou preguiça ontem à noite, no fim da ceia. Disse ele: *Vai haver revista à saída. Quem levar boróa nos bolsos, come.*

Aquele come não se refere à boróa. E' outra comida. Eles sabem do que se trata.

Por sobré a porta da rouparia, também se lê: *Se alguém entrar sem ser chamado, come.* Aqui na aldeia come-se muito, de muitas maneiras.

Ainda ontem, estando eu à mesa dos senhores a regalar-me um bocadinho depois de ceia, de entre os rapazes que já tinham saído para suas casas, regressa um deles com o sangue em bica! Era o Zé d'Arouca. Tinha sido o Rato. O Rato comeu do chefe, que se encontrava ao tempo também no refeitório. Quem mata com ferros, com ferros morre.

Um que também come agora muito é o ajudante do Piriquito. Sim; o Piriquito tem um ajudante e chega-lhas boas. Ainda ontem foi o dia. Eu passava e vi. O ajudante defendia a cara e berrava.

—Que é isso ó Piriquito!

—E' ele que me não apareceu na loja.

Bem depressa se esqueceu o mestre das que fazia ontem! Se quasi sempre era então perdoado, porque não perdoava agora?! E' tão lindo perdoar! E' tão forte quem perdoar!

Mas vamos ao que interessa. Rio Tinto, o chefe, dá a razão e a necessidade da revista às algeibeiras.

Vós levais boróa, fazeis migalhas e os cães vão às camas e rasgam a roupa.

Eis aqui uma pintinha da razão deste meu envelhecer a olhos vistos. Estragos. Estragos inevitáveis. E' a natureza da obra que os faz. A roupa que os cães rasgam. A roupa que os rapazes rasgam. A que eles perdem por lá.

As questões por causa de tudo: — O Arouca doa porcos, quer as cascadas das batatas para os porcos. Vem o Daniel, e quer levá-las para as vacas! O Arouca dos porcos, apartou dois deles para engordar. O Rio Tinto, não lhe dá farinha!! Os da limpeza da casa ill e andar fundeiro, resolveram fechar a porta da retrete depois delas limpas, e esconder a chave, para que ninguém as fôsse sujar!!!

Mas isto é uma pintinha do que por cá vai. Tem acontecido ó Zé da lenha humedecer o colchão da cama e ele vai e troca-o de manhãzinha e acusa outros e arma tal sarilho na casa aonde dorme, que já tem havido sangue!

Ora tudo isto vem ter ao meu gabinete de trabalho. Assim se gastam os homens! Alguns tem-no feito em coisas profundas de que os séculos ficam a viver. A mim, calhou-me sorte diferente.

Venho agora mesmo da cozinha do forno, aonde tinha ido a convite do Arouca dos porcos, ver uma panela de cozimento prós ditos.

Olhe; só falta farinha. Diga ó Rio Tinto. E eu disse ó Rio Tinto.

São os talentos. Talentos que Deus dá. A uns cinco, a outros dez, a outros um. Este é o meu. Talento dos nadas. Coisitas. Saiba eu negociá-lo!

SAÍRAM ontem para a Casa do Porto dois trabalhadoras. São eles o Santa da Pedra e o Zé da Cozinha. Foram tomar conta do lugar de aprendizes em uma oficina Metalurgica. Os dois na mesma oficina. Gosto assim.

Do primeiro, muito espero. Só vejo uma vez ao Tribunal. Do segundo não digo nada até ver. Ele tem sido o pai e a mãe dos refilões.

PIRIQUITO anda morto por uma caneta. Sempre que vou à loja fazer a barba, aí vem ela. *Então; dá ou não dá?*

Ora deu-se aqui um caso, de que ele teve conhecimento, por amor do qual pede com mais alma. O rapaz soube que eu tenho três delas! Como é que ele o soube? Eu conto: Tenho, de facto, três canetas, de prevenção... E' a minha ferramenta. Tenho-as dentro de uma caixinha, sobre a mesa de trabalho. Três. Um destes dias, no regresso de uma viagem, ao abrir a caixa e preparar-me para escrever esta e outras notícias, notei que a primeira caneta tinha o bico virado. Tomei a segunda e ela tinha o bico virado. Tomei a terceira, e ela tinha o bico virado. Indaguei. Tinha sido o meu empregado de escritório. Podia ter virado um bico e ficavam duas. Podia ter virado dois e ficava uma. Não senhor. Os três. Se mais canetas, mais desastres.

Isto mesmo disse eu ao faltoso, aqui no meu escritório, à beira das canetas desmanteladas. Contei-lhe a minha des-

graça: Querer trabalhar e não ter ferramenta! *Podias ter virado só um bico, disse-lhe eu.*

O empregado escuta, compenetra-se do mal que fez e desata a chorar. Lágrimas tão quentes e gritos tão doridos, que toda a aldeia ficou a saber. Soube-o, também, o Piriquito, e agora não me larga: *V. tem três.*

ENTRAVA eu hoje na redacção, quando dou com o Avelino no momento de lançar o pião. Estava mesmo a dar o lança. Viu-me e suspen-deu. Eu quiz saber.

O chefe! O primeiro! O responsável! O Avelino escuta e desculpa-se. Desculpa-se com o Cête. Que o pião era do Cête. Que o Cête estava a ensinar como ele se bota. Pior. Muito pior. Um chefe a desculpar-se com um subalterno!

O Alfredo e o Armando, ali presentes, nada diziam.

O Cete, atacado, também se não defendia. Todos estavam no seu lugar, só o Avelino é que não.

Não está certo. Não contava. Estava afeito a ver o Avelino também no seu lugar.

Não é o pião; isso é o menos. E' a desculpa. Desculpa que pretende culpar um subalterno. Aqui é que está.

E já agora, também quero dizer que não me venham estes meninos falar dos assinantes e pôr no canto os que se atrazam. Que se aprumem eles mas é. Que se ponham no meio e ao depois falem. A melhor e mais salutar maneira de apontar os defeitos dos outros, é extirpar os nossos, silenciosamente, constantemente.

Em regra, as pessoas que mais defeitos apontam nas outras pessoas, são as mais defeituosas. E' a cegueira. E' a trave! Ora vamos a ver, meninos da redacção!

Do que nós necessitamos

Continuação da 2.ª página

cestinho de maçãs muito coradinhas. Padre Manuel, chega o cesto para ao pé de mim e vai dizendo, indicando o que lhe parecia mais apetitoso: *Ande. Tire. Fazem-lhe bem. Nós sabemos que o sr. gosta muito de maçãs.*

O servente estava. O mesmo servente de ontem á noite, estava. A's falas maviosas do P.* Manuel, êle vai-me respondendo baixinho e em mistério: *Graixa. Graixa. E' tudo graixa.*

Tinhamos feito a refeição. Davamos as derradeiras palavras ácerca do nosso encontro nessa tarde, em Aveiro. *Olha que começa às 9 horas.*

Padre Manuel puxa a sua cadeira um nadinha ao meu lado, toma um ar grave e esplana: *São os Parreiras. A gente deve 36 contos nos Parreiras. E' a conta das madeiras que eles nos forneceram. Se você me poder entregar o produto da festa.*

As coisas tinham desaparecido todas de sobre a meza, uma por uma. O servente, sacudia agora as migalhas e estendia um pano vermelho e razo. Ficou sómente o amargor da notícia. Trinta e seis contos de dívidas!

Eu não lhe disse? Virei-me, a olhar quem falava. Era o servente. O mesmo de ontem á noite e de agora. O Carlos de Marrocos, como lhe chamam, por ser trigueiro. *Eu não lhe disse? Era tudo graixa.*

ULTIMAS NOTICIAS

E' a tipografia. A nossa tipografia. Notícia de todas as horas. Todos a esperam. E' a grande guerra... à guerra! Por isso falamos em colunas. Para des-congestionar as deste jornal, comunica-se que temos uma coluna no Espelho da Moda, aonde os cinco mil se podem alistar. A quinta coluna!

E' no «depósito». Nem degraus nem nada; tudo plano. Facilidades. Entra-se. A meio e à direita, está uma espécie de trôno com uma espécie de rainha. E' a «Recoveira». A recoveira dos Pobres, a quem chamam Menina Ema. Leva-se já o dinheirinho na mão, para não demorar. Põe-se na lista, na coluna, e desanda-se pela porta fora.

Ele há homens que valem por dez. Nas guerras é assim. A história ala deles. Quem escrever mil em lugar de cem é, desses. E' um homem da história.

SABEM uma do Faisca? O Faisca é o Orlando. Muito vivo, muito esparto,—Faisca. O Faisca. Pronto. Ele é da oficina de alfaiate. Tem onze anos. Ficou distinto na 4.ª classe.

Estava um fato para levar ao freguês. Calça, casaco, colete. Freguês de perto e visita da nossa aldeia. Faisca pergunta se pode levar a obra ó freguês. Pode. O mestre disse que sim.

O rapaz toma o colete e vai entregar. Comeu figos e veio-se embora. No dia seguinte, leva o casaco. Comeu figos e veio-se embora. Faisca gosta de figos. Gosta de comer. Ao outro dia, foram as calças. Mais figos. Três dias a levar o fato ó freguês e a comer figos em casa do dito!

Claro está, que estas coisas só podem acontecer numa organização semelhante à nossa.

Eu cá acho isto simplesmente admirável. Três consoladelas de figos, e isto em serviço da casa! A habilidade do rapaz! A alegria do rapaz!

Comer. O comerzinho. O que não fazemos nós, homens creados, para atingir o mesmo fim?!

Quantos não vivem exclusivamente para comer, em manifesto prejuizo dos que comem pouco por não terem quê. *Coisas ruins não posso; coisas boas não posso;* conforme me dizia há tempos aquela velhinha de quem aqui se falou. Quantos?!

DESCIA eu hoje de manhã para a capela, e ao passar pelo refeitório dos Batatas, noto o refeiteiro dele a mexer os pratos das papas. Sigo, e no refeitório dos grandes vejo que outros refeiteiros fazem precisamente o mesmo.

—Que é isso?

—E' sal. Foi o Botas. O Botas esqueceu-se de pôr sal nas papas.

Palavras não eram ditas, e o ajudante do cozinheiro aparece à minha beira, indignado: *Foi o Botas. Ele é um murcão.*

O Botas é o António da Reboleira. Fez exame e ficou bem. Ainda muito verde para se empregar no Porto, foi nomeado servente da cozinha. Ele comparece às 6,30, dá as derradeiras pancadas no primeiro almoço e toca às 7 horas pela malta. Botas tem cumprido, só hoje é que não. As coisas são assim, mas os refeiteiros e os cozinheiros não pensam da mesma sorte. *Foi ele. Foi o Botas. O Botas é um murcão.*

O próprio cozinheiro chefe, também agrava. Depois de ter falado o seu ajudante, fala ele: *O Botas é assim. E' um cabeça de vento.*

O rapaz, esmagado e corrido, foi-se meter atrás do fogão, triste. Ninguém o desculpava. Ninguém o defendia. *Foi Botas.*

Mas defendi-o eu e acusei o chefe da cozinha.

Tu és o chefe. Tudo quanto aqui se passa é da tua responsabilidade. E disse e disse e disse.

O Botas olha-me do lugar para onde tinha fugido. Ele pensava justamente como eu, mas não tinha ambiente; o ataque fôra cerrado. Todos o acusavam, todos. Ele é o servente. O mais pequeno da cozinha. Refeiteiros, copeiros, ajudantes e cozinheiros, todos estes estão nos andares superiores. Eles é que têm a palavra: *E' um murcão.* Eles é que apedrejam: *Não botou sal nas papas.*

O mais pequenino de todos chamado à responsabilidade que cabe inteiramente ao maior! Aqui na aldeia não passam monstruosidades.

ONTEM houve um tribunal muito nervoso. (Era segunda-feira. E' quase sempre assim às segundas. Ao domingo não há trabalho...!)

O Pombinha, respondeu por um vidro que partiu. O Tangerina, também, mas este com a agravante de negar a pés juntos e invocar testemunhas. *Tenho testemunhas.*

Chamaram-se as testemunhas. Pior. Acusaram o inocente.

O Choninhas, o Vizeu e Necas pequeno, responderam por terem ido às laranjas. O Norberto, por ter ido à retrete dos senhores e tirar de lá o cordão do interruptor da luz, para fazer dele uma fanigueira!